

MADE IN AMERICA

BILL BRYSON

MADE IN AMERICA

Tradução de
Daniela Carvalhal Garcia



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2017

PREFÁCIO

Na década de 1940, um viajante inglês que se deslocou a Anholt, pequena ilha situada a cerca de setenta quilómetros da costa, no estreito de Kattegat, entre a Dinamarca e a Suécia, reparou que as crianças da ilha entoavam uma cantilena de rua cujo sentido era evidente não perceberem. Era assim:

*Jeck og Jill
Vent op de hill
Og Jell kom tombling after.*

Segundo o que veio a descobrir-se, a cantiga fora trazida para a ilha pelas tropas inglesas durante as Guerras Napoleónicas e transmitida pelas crianças de geração em geração durante 130 anos, embora as palavras nada significassem para elas.

Em Londres, esta pequena descoberta foi recebida com interesse por um casal — Peter e Iona Opie. Os Opies tinham dedicado a sua vida ao estudo sistemático de cantigas infantis. Ninguém trabalhara mais do que eles na investigação da história e distribuição destas componentes da vida infantil tão duradouras quanto esquecidas. Uma coisa que há muito intrigava este casal era o destino curioso de uma canção infantil chamada «Brow Bender». Já tinha sido tão famosa quanto «Humpty Dumpty» e «Hickory Dickory Dock», fazendo normalmente parte do repertório dos livros de cantigas infantis até finais do século XVIII, quando desapareceu silenciosa e misteriosamente. Nunca mais aparecera publicada desde 1788. E de repente, uma noite, quando a

ama dos Opies estava a meter as crianças na cama, ouviram-na recitar-lhes um poema de embalar. Como o leitor provavelmente já adivinhou, era «Brow Bender», exatamente como fora publicada na versão de 1788, mas com cinco versos inéditos.

Mas então, perguntará o leitor com toda a razão, o tem tudo isso a ver com um livro sobre a história e o desenvolvimento da língua inglesa na América? Trouxe isto à baila por duas razões. Primeiro, para provar que muitas vezes são as pequenas coisas que ninguém nota que acabam por ser mais reveladoras sobre a história e a natureza da língua.

As cantigas infantis, por exemplo, são incrivelmente avessas à mudança. Mesmo quando não fazem qualquer sentido, como no caso de «Jack and Jill», ouvida na boca de crianças algures numa isolada ilha dinamarquesa, são geralmente passadas de geração em geração com uma precisão solene, como preciosas fórmulas mágicas. E, por isso mesmo, encontram-se frequentemente entre as características linguísticas que mais tempo sobrevivem. A lengalenga *eenie, meenie, minie, mo* baseia-se num sistema de contagem anterior à ocupação romana das Ilhas Britânicas, podendo até ser pré-céltica. Se for o caso, trata-se de um dos raros elos de ligação com um remotíssimo passado que conseguiram sobreviver. Não só nos dá uma imagem fragmentada de como as crianças se divertiam na altura em que Stonehenge estava a ser construído, como nos dá uma ideia de como os adultos contavam, pensavam e ordenavam as suas ideias. Por outras palavras, vale a pena estudar as pequenas coisas.

A segunda razão é que as canções, palavras, frases, cantilenas — qualquer faceta da língua —, podem sobreviver durante longos períodos sem que ninguém se aperceba disso, como repararam os Opies com «Brow Bender». O facto de uma palavra ou frase não ter sido registada só nos diz que não foi registada, e não que não existiu. Os habitantes de Inglaterra na época de Chaucer usavam habitualmente uma expressão, *to be in hide and hair*, que significava andar perdido, ou ser impossível de encontrar. Mas por volta de 1400 a expressão desapareceu dos registos escritos. Durante quatrocentos anos, não houve qualquer vestígio dela. E de repente, inesperadamente, voltou a aparecer na América em 1857, sob a forma *neither hide nor hair*. Resta-nos perguntar o que

aconteceu exatamente a essa útil expressão durante esses quatro longos séculos e o que a trouxe de regresso na sexta década do século XIX, num país a três mil quilómetros de distância.

E, já agora, por que razão nós, na América, conservámos palavras tão «à antiga inglesa» como *skedaddle*, *chitterlings* e *chore*, e não *fort-night* ou *beath*? Por que razão mantivemos as pronúncias irregulares em palavras como *colonel* e *hearth*, mas seguimos as nossas próprias regras com *lieutenant*, *schedule* e *clerk*? Por outras palavras, por que razão o inglês americano é assim?

Parece-me que se trata de uma pergunta profundamente fascinante e pertinente, mas o facto é que, até há relativamente pouco tempo, ninguém se lembrou de a fazer. Até bem depois do início do século XX, os estudos sérios da língua americana falada estavam quase inteiramente nas mãos de amadores — pessoas como o heroico Richard Harwood Thornton, advogado de nacionalidade britânica que dedicou anos do seu tempo livre a analisar livros, jornais e manuscritos dos princípios do período colonial, em busca das primeiras ocasiões em que surgiram centenas de termos americanos. Em 1912, terminou o seu *American Glossary* em dois volumes. Era uma obra de um valor incalculável, mas ele não conseguiu encontrar um único editor americano disposto a publicá-la. Para vergonha dos nossos especialistas na matéria, acabou por ser publicada em Londres.

Foi só nas décadas de 1920 e 1930 que, com as publicações sucessivas do incomparável *The American Language*, de H. L. Mencken, de *The English Language in America*, de George Philip Krapp, e do *Dictionary of American English on Historical Principles*, de Sir William Craigie e James R. Hulbert, a América passou a ter livros que abordavam com seriedade a natureza da sua língua. Mas nessa altura a busca da inspiração subjacente a muitas expressões americanas já passara para o domínio das tarefas impossíveis de tal modo, que hoje em dia ninguém pode dizer com certeza por que razão «pintamos a cidade de vermelho» (*paint the town red*), «falamos peru» (*talk turkey*), «pegamos um pó» (*take a powder*), ou praticamos basebol com um *fungo bat*.

Este livro é uma modesta tentativa de analisar como e por que motivo a língua americana falada se transformou naquilo que é hoje, e, em especial, de onde vêm as nossas palavras. Espero que não seja uma história convencional da língua americana. Uma grande parte dela é

descaradamente discursiva. O leitor tem toda a razão em perguntar-se que diabo é que a senhora Stuyvesant Fish a atropelar três vezes um criado com o carro tem a ver com a história e o desenvolvimento da língua inglesa nos Estados Unidos, ou como o hábito permanente de James Gordon Bennett de arrancar as toalhas de todas as mesas de restaurante por que passava tem qualquer ligação com o desenvolvimento linguístico do povo americano. Eu diria que, se não compreendermos o contexto social em que as palavras se formaram — se não nos dermos conta da espantosa novidade que um automóvel representava para aqueles que o viam pela primeira vez, ou do perigoso grau de novo-riquismo e de falta de contacto com as massas de que podia padecer um industrial do princípio do século xx —, não conseguimos de modo algum avaliar a riqueza e a vitalidade das palavras que formam a nossa língua.

Ah, e incluí estas histórias todas por uma terceira razão: porque as achei interessantes e imaginei que divertissem o leitor. Uma das pequenas angústias inerentes à investigação para um livro como este é o facto de depararmos com histórias que não têm grande relevância para o tópico em questão e que têm de ser ignoradas. Chamo-lhes histórias «Ray Buduick».

O nome Ray Buduick surgiu-me quando estava a folhear um volume de revistas *Time* de 1941, à procura de uma coisa completamente diferente. Acontece que certo dia nesse ano Buduick decidiu, como fazia muitas vezes, pegar na sua avioneta para dar uma «voltinha de domingo de manhã». Isso nada tem de extraordinário, se excetuarmos o facto de Buduick viver em Honolulu e essa manhã em especial ser a de 7 de dezembro de 1941. Quando ia a sobrevoar Pearl Harbor e Mamala Bay, Buduick ficou estarecido, para dizer o mínimo, ao ver os céus ocidentais obscurecidos com *Zeros* japoneses, todos a prepararem-se para o atacar. Os japoneses abriram fogo, crivando-lhe o avião de balas, e Buduick, provavelmente resmungando coisas do género «Chiça», inclinou bruscamente o avião e pôs-se a andar. Miraculosamente, conseguiu aterrar em segurança no meio de um dos piores ataques aéreos da história, e viver para contar o episódio. E, assim, passou a ser o primeiro americano a enfrentar os japoneses em combate, mesmo sem ser de propósito.

É evidente que isto nada tem a ver com a língua americana. Mas o que se segue tem. Palavra de honra.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha gratidão às seguintes pessoas, que generosamente compartilharam comigo o seu tempo, conhecimentos ou materiais de pesquisa: Lawrence P. Ashmead, Samuel H. Beamesderfer, Bonita Louise Billman, Bruce Corson, Heidi Du Belt, Andrew Franklin, Gary Galyean, Maria Guarnaschelli, James Mansley, Hobie e Lois Morris, Geoff Mulligan, Eric P. Newman, Robert M. Poole, Oliver Salzmänn, Allan M. Siegal, Dr. John L. Sommer, Karen Voelkening, Erla Zwingle, e os funcionários da Biblioteca da Drake University, em Des Moines, da Biblioteca da Universidade do Massachusetts, em Amherst, e da Biblioteca da National Geographic Society, em Washington. Estou especialmente grato à minha mãe, Mary Bryson, por me ter dado «cama, mesa e roupa lavada» durante longos períodos, a Tom Engelhardt pela sua escrupulosa revisão do texto, esclarecendo desde já que, se ainda houver erros, serão exclusivamente meus. Acima de tudo, e como sempre, o meu agradecimento infinito e do fundo do coração à minha mulher, Cynthia.

CAPÍTULO 1

O *MAYFLOWER* E ANTES DELE

Curiosamente, a imagem da fundação espiritual da América com que cresceram várias gerações de americanos foi criada por uma poetisa de talento limitado (pondo a questão nos termos mais magnânimos possíveis) que viveu dois séculos depois do acontecimento, num país situado a quase cinco mil quilómetros de distância. Chamava-se Felicia Dorothea Hemans e não era americana. Era galesa. Nem sequer esteve alguma vez na América, e parece que sabia quase nada sobre o país. Acontece simplesmente que, num belo dia de 1826, o merceeiro da aldeia onde ela vivia — Rhyllon, no País de Gales — embrulhou-lhe as compras numa folha de jornal velho, um jornal de Boston de dois anos antes. Chamou-lhe a atenção um pequeno artigo sobre uma comemoração do Dia dos Fundadores que tivera lugar em Plymouth. Foi muito provavelmente a primeira vez que Felicia ouviu falar do *Mayflower* ou dos Peregrinos, mas a verdade é que, mesmo com a pouca inspiração que se pode esperar de um poeta medíocre, saiu-se com um poema, «O Desembarque dos Peregrinos (na Nova Inglaterra)», que começa assim:

*The breaking waves dashed high
On a stern and rock-bound coast,
And the woods, against a stormy sky,
Their giant branches toss'd*

*And the heavy night hung dark
The hills and water o'er,*

*When a band of exiles moor'd their bark
On the wild New England shore...**

e assim continua, com uma veia poética vigorosa e grandiloquente, e rima mais ou menos incerta durante mais oito estrofes. Embora o poema estivesse cheio de imprecisões — o *Mayflower* não era uma barca, não era noite quando atracaram, Plymouth não foi «a primeira terra que pisaram», mas sim a quarta visita que fizeram a terra —, tornou-se imediatamente um clássico, essencial responsável pela imagem do desembarque do *Mayflower* que a maior parte dos americanos continua a ter ainda hoje**.

Se há coisa de que temos a certeza é que os Peregrinos não desembarcaram em Plymouth Rock. Independentemente de o local poder ter estado muito acima da marca da maré alta em 1620, nenhum marinheiro prudente tentaria atracar um barco junto a um rochedo num mar batido de dezembro, tendo logo ali ao lado uma pequena baía abrigada. Se os Peregrinos deram sequer por Plymouth Rock, não há qualquer indicação disso. Não vem mencionado em qualquer dos documentos e cartas dessa época que chegaram até nós; na verdade, só é documentado pela primeira vez em 1715, quase um século mais tarde¹. Só por alturas do período em que Felicia Hemans escreveu o seu empolgante poema épico é que Plymouth Rock ficou indelevelmente associado ao desembarque dos Peregrinos.

Onde quer que tenham desembarcado, podemos partir do princípio de que os 102 peregrinos saíram do seu barquinho maltratado pelas tempestades com pernas bambas e um grande alívio. Tinham acabado de passar nove semanas e meia no mar, rodeados de perigos e água por todos os lados, empilhados num navio que estalava e rangia a todo o momento, e que não era maior do que um corte de ténis moderno. A tripulação, com a delicadeza típica dos marujos, chamava-lhes os «meias vomitadas», devido à sua capacidade aparentemente

* «As vagas alterosas erguiam-se iradas / Na costa rochosa de escolhos terríveis, // E as árvores dos bosques, no céu recortadas, / Dobravam ao vento os ramos flexíveis / E a noite de chumbo pairava sombria / Por cima dos montes, das águas sem fundo / Quando os exilados, numa barca esguia, / Por fim atracaram nesse Novo Mundo...» (N. da T.)

** A outra contribuição de Felicia Hemans para a posteridade foi o poema «Casabianca», hoje conhecido pelo verso inicial: *The boy stood on the burning deck* («O rapaz ficou de pé no convés em chamas»). (N. do A.)

inesgotável de salpicar as ditas com o produto natural do enjoo, embora pareça que até não se terão portado nada mal nessa matéria². Apenas um passageiro morreu na travessia, tendo entretanto nascido dois (um dos quais teve a sorte de ostentar para o resto da vida o exuberante nome de Oceanus Hopkins).

Chamavam-se a si próprios Santos. Àqueles que não pertenciam ao grupo, chamavam Estrangeiros. O termo Peregrinos, referindo-se a estes primeiros viajantes, só viria a ser usado dois séculos depois. Mesmo mais tarde, chamavam-lhes os Founding Fathers (Pais Fundadores). Só no século xx é que surge o termo «puritano» num discurso de Warren G. Harding. E, para dizer a verdade, também não é correto chamar-lhes Puritanos. Eram, sim, Separatistas, assim chamados por terem abandonado a Igreja Anglicana. Puritanos eram aqueles que se mantiveram na Igreja Anglicana, tentando purificá-la. Esses só chegariam à América uma década depois, mas quando o fizeram acabaram rapidamente por eclipsar e absorver esta pequena colónia inicial.

Seria difícil imaginar um grupo de pessoas menos aptas para enfrentar a vida num mundo selvagem. Pela bagagem que traziam, poderia deduzir-se que não entenderam o objetivo da viagem. Tiveram o cuidado de incluir relógios de sol e apagadores de pavios, um tambor, uma trombeta e uma história completa da Turquia. Um tal William Mullins trouxe consigo 126 pares de sapatos e 13 pares de botas. Mas não trouxeram uma vaca ou um cavalo que fosse, um arado ou uma linha de pesca. Entre as profissões representadas na lista de passageiros do *Mayflower*, contavam-se dois alfaiates, um impressor, vários mercadores, um costureiro de sedas, um comerciante e um fabricante de chapéus — misteres cuja necessidade imediata não parece muito evidente quando se tem por objetivo a sobrevivência em ambiente hostil³. O comandante militar do grupo, Miles Standish — era tão baixo, que lhe chamavam o «Capitão Camarão»⁴ —, não seria bem a figura indicada para inspirar medo junto dos selvagens nativos que confiantemente esperavam encontrar. Com a exceção, mesmo assim incerta, do diminuto capitão, provavelmente ninguém do grupo alguma vez tentara abater um animal selvagem. A caça, na Europa do século xvii, era um desporto reservado à aristocracia. Mesmo aqueles que se consideravam lavradores tinham geralmente escassa prática de agricultura, visto que nessa altura «lavrador» significava proprietário de terras e não alguém que as trabalhava.

Em resumo, estavam perigosamente mal preparados para os rigores que os esperavam e demonstraram a sua incompetência da forma mais dramática possível: morrendo em barda. Seis morreram nas primeiras duas semanas, oito no mês seguinte, mais dezassete em fevereiro, outros treze em março. Em abril, quando o *Mayflower* içou as velas de regresso a Inglaterra*, restavam apenas cinquenta e quatro pessoas, das quais quase metade crianças, para iniciar o longo trabalho de transformar este frágil sustentáculo numa colónia autossuficiente⁵.

À distância de todos estes anos, é difícil imaginar o grau de isolamento deste pequeno e desafortunado grupo de aventureiros. Os seus vizinhos e parentes mais próximos — em Jamestown, na Virgínia, e numa pequena e hoje quase totalmente esquecida colónia em Cupers (hoje, Cupids) Cove, na Terra Nova** — encontravam-se a oitocentos quilómetros de distância, em direcções opostas. Por trás deles, tinham um oceano hostil e, pela frente, um continente desconhecido e inconcebivelmente vasto «de cariz rude e selvagem», segundo as palavras inquietas de William Bradford. Estavam mais longe dos confortos da civilização do que alguém jamais estivera (de certeza, mais longe do que alguém jamais estivera sem uma cana de pesca).

* O *Mayflower*, tal como Plymouth Rock, não parece ter tido qualquer impacto sentimental nos colonos. Nem uma única vez em *Of Plymouth Plantation*, a história da colónia escrita por William Bradford, aparece mencionado o nome do navio. Três anos passados sobre a sua travessia histórica, o *Mayflower* foi desmantelado sem qualquer cerimónia e vendido nos salvados. Segundo alguns relatos, acabou por ser transformado num celeiro ainda existente na aldeia de Jordans, em Buckinghamshire, a cerca de trinta quilómetros de Londres, num terreno pertencente à «British Society of Friends», ou *quakers*. Por coincidência, quase ao lado situa-se o túmulo de William Penn, o fundador da Pensilvânia, que certamente não imaginava que o celeiro ao lado do local onde iria por fim repousar tinha sido outrora o navio que transportara os Peregrinos para a terra que ele próprio tanto fizera para promover. (N. do A.)

** Fundada em 1610, esta pequena colónia foi abandonada entre 1630 e 1640, embora tenha sido em breve substituída por outras colónias inglesas na ilha. Devido ao seu isolamento, os habitantes da Terra Nova criaram um *patois* particularmente colorido que mistura termos novos com palavras de antigos dialetos ingleses, que hoje em dia não se encontram em mais sítio nenhum: *diddies* em vez de *nightmare* (pesadelo), *nummy-bag* para designar uma espécie de *knapsack* (mochila), *cocksiddle* em vez de *somersault* (cambalhota), *rushing the waddock* para descrever um jogo de rãguebi. Continuam a ter uma pronúncia esquisita. *Chitterlings*, por exemplo, é pronunciado «chistlings». A única palavra que a Terra Nova deu ao mundo foi *penguin* (pinguim). Ninguém tem a menor ideia de onde ela vem. (N. do A.)

Durante dois meses, tentaram estabelecer contacto com os nativos, mas, de cada vez que encontravam algum índio, ele fugia. Até que, num dia de fevereiro, um jovem corajoso de aparência amigável aproximou-se de um grupo de Peregrinos que se encontrava na praia. Chamava-se Samoset e era também um estranho na região. Mas tinha um amigo chamado Tisquantum, da tribo local dos Wampanoag, a quem os apresentou. Samoset e Tisquantum rapidamente se tornaram amigos dos Peregrinos. Ensinaram-lhes a plantar milho e a caçar aves selvagens, e ajudaram-nos a estabelecer relações amigáveis com o *sachem*, ou chefe local. Em breve, como qualquer aluno das nossas escolas sabe, os Peregrinos começaram a prosperar, e índios e colonos sentavam-se juntos à mesa para um cordial banquete de Ação de Graças. A vida era bela.

Uma questão que surge naturalmente é *como* conseguiram isso. O algonquiano, o idioma das tribos de Leste, é uma língua extremamente complexa e aglomerante (ou, melhor dizendo, uma família de línguas), cheia de «cachos» assustadores de consoantes impossíveis de pronunciar para quem não tiver qualquer prática, tal como podemos ver na primeira amostra de algonquiano reunida cerca de vinte anos mais tarde por Roger Williams, no Connecticut (a propósito, um feito científico merecedor de muito mais fama do que a que tem). Tente pronunciar o que se segue e terá uma ideia da extensão do desafio:

Nquitpausuckowashâwmen — Somos cem.

Chénock wonk cuppee-yeâumen? — Quando volta?

Tashúckgunne cummauchenâimís? — Há quanto tempo está doente?

Ntannetéimmin — Vou-me embora⁶.

É óbvio que não era o género de língua que se pudesse aprender num fim de semana, e os Peregrinos estavam longe de ter jeito para línguas. Nem sequer conseguiam dizer bem o nome de Tisquantum; chamavam-lhe Squanto. A solução para o problema, surpreendentemente embelezada na maior parte dos livros de história, é que os Peregrinos não tiveram de aprender algonquiano pela simples e conveniente razão de que Samoset e Squanto falavam inglês — Samoset só um pouco, mas Squanto com toda a desenvoltura (e até um bocado de espanhol, como se não bastasse).

Parece quase um milagre que um bando desgarrado de colonos ingleses atravessasse um vasto oceano em 1620 e fosse dar com um

par de índios capazes de lhes dar as boas-vindas na sua própria língua. Foi sem dúvida uma sorte enorme — sem eles, os Peregrinos teriam muito provavelmente morrido ou sido chacinados —, mas não é tão loucamente improvável como parece à primeira vista. De facto, em 1620, o Novo Mundo não era assim tão novo quanto isso.

Ninguém sabe quem foram os primeiros visitantes europeus do Novo Mundo. Em geral, considera-se que foram os viquingues, que alcançaram o Novo Mundo cerca do ano 1000 d.C, mas não é impossível que lá tenham estado outros antes. Um texto latino antigo, *Navigatio Sancti Brendani Abbatis* (*A Viagem do Abade São Brandão*), relata com pormenores convincentes uma viagem de sete anos a uma terra do outro lado do mar que terá sido feita por este santo irlandês e um grupo de acólitos, cerca de quatro séculos antes dos viquingues — e isto, segundo se diz, a conselho de outro irlandês que dizia lá ter estado ainda antes.

Mesmo os viquingues pensaram não ter sido os primeiros. Segundo as suas sagas, quando chegaram pela primeira vez ao Novo Mundo, foram expulsos da praia por um grupo de brancos selvagens. Mais tarde, ouviram histórias contadas por nativos sobre uma colónia de caucasianos que «usavam roupas brancas e (...) transportavam paus à sua frente, aos quais estavam atados uns farrapos»⁷ — precisamente o aspeto de uma procissão religiosa irlandesa para olhos leigos. Quer tenha sido feita por irlandeses, viquingues ou italianos — ou galeses, ou bretões, ou qualquer outro dos muitos grupos que tentaram reclamar para si tal descoberta —, a travessia do Atlântico na Idade Média não era uma façanha tão ousada como pode parecer à primeira vista, mesmo tendo sido feita em barcos pequenos e abertos. O Atlântico Norte está estrategicamente semeado de grupos de ilhas que poderiam servir de pontos de escala — as Shetland, as Faroe, a Islândia, a Gronelândia e a ilha Baffin. Seria possível ir de barco à vela da Escandinávia até ao Canadá sem ter de fazer mais de quatrocentos quilómetros de mar alto.

Sabemos de certeza que a Gronelândia — e portanto, tecnicamente, a América do Norte — foi descoberta em 982 por um tal Eric, *o Vermelho*, pai de Leif Ericson (ou Leif Erikkson), e que ele e os seus

seguidores começaram a colonização em 986. Qualquer pessoa que já tenha viajado de avião sobre as vastidões geladas da Gronelândia poderá perguntar-se que diabo teriam eles visto naquele sítio que pudesse ter-lhes interessado. Mas, na verdade, a orla meridional da Gronelândia está mais a sul do que Oslo e oferece uma área de terras baixas para pasto do tamanho de toda a Grã-Bretanha⁸. É óbvio que isso convinha aos viquingues. Durante cerca de quinhentos anos, mantiveram ali uma próspera colónia, que, no seu apogeu, possuía 16 igrejas, dois mosteiros, cerca de trezentas quintas e uma população de quatro mil almas. A única coisa que a Gronelândia não tinha era madeira para construir novos barcos e reparar os velhos — um fator relativamente vital para um povo de marinheiros. A Islândia, a terra mais próxima a leste, era estéril. A coisa mais natural a fazer seria avançar para oeste, para ver o que lá haveria. Cerca do ano 1000, de acordo com as sagas, Leif Ericson fez exatamente isso. A sua expedição descobriu uma nova terra, provavelmente a ilha Baffin, no extremo norte do Canadá e mais de 1600 quilómetros a norte dos atuais Estados Unidos, e muitos outros lugares, nomeadamente a região a que chamaram Vinland.

A localização de Vinland é um desesperante *puzzle* histórico. Através de leituras atentas das sagas e cálculos dos tempos de navegação dos viquingues, vários estudiosos colocaram Vinland nos sítios mais diversos: Terra Nova, Nova Escócia, Massachusetts, e até mesmo muito mais a sul, na Virgínia. Uma cientista norueguesa chamada Helge Ingstad declarou ter encontrado Vinland em 1964 num lugar chamado L'Anse au Meadow, na Terra Nova. Outros pensam que os artefactos que Ingstad desenterrou não tinham qualquer origem viquingue, sendo apenas resíduos de posteriores colonos franceses⁹. O nome não ajuda nada. De acordo com as sagas, os viquingues chamaram-lhe Vinland devido às vinhas que lá encontraram em profusão. O problema é que nenhum lugar, num raio de 1500 quilómetros de onde se presume que tenham estado, poderia ter tido vinha silvestre em abundância. Uma das explicações possíveis é tratar-se de um erro de tradução. *Vinber*, que significa «uvas» em língua viquingue, podia ser usada para descrever muitos outros frutos — arandos, groseiras silvestres ou corintos, entre outros —, que poderiam ter sido encontrados nestas latitudes a norte. Outra possibilidade é «Vinland» ter sido apenas um pouco de propaganda hábil, destinada a incentivar a

colonização. Não esqueçamos que foi este o povo que criou a palavra Gronelândia (Terra Verde).

Os viquingues fizeram pelo menos três tentativas para criar colónias permanentes em Vinland, a última das quais em 1013, até que finalmente desistiram. Ou talvez não. O certo é que, algum tempo depois de 1408, desapareceram subitamente da Gronelândia. Para onde foram, o que lhes aconteceu, é um mistério¹⁰. Somos tentados a acreditar que terão encontrado uma vida mais agradável na América do Norte.

Não há dúvida de que as pistas inexplicáveis se multiplicam. Por exemplo, o *lacrosse*, um jogo há muito popular entre os índios em vastas regiões espalhadas por toda a América. É interessante notar que as regras do *lacrosse* são estranhamente parecidas com as de um jogo praticado pelos viquingues, incluindo uma característica — a utilização de um par em cada equipa que não pode ser ajudado ou travado pelos outros jogadores — tão fora do comum, que, nas palavras de um antropólogo, «torna a probabilidade de origens independentes incrivelmente diminuta». E depois há os Haneragmiutas, uma tribo de inuítes que vive muito acima do Círculo Ártico, na ilha Victoria, no norte do Canadá, um local tão remoto que os seus habitantes não eram conhecidos do mundo exterior até ao início do século xx. Contudo, alguns dos membros da tribo não só tinham aspeto nitidamente europeu, como se verificou possuírem genes de indubitável origem europeia¹¹. Ninguém conseguiu alguma vez dar uma explicação minimamente satisfatória para este facto. Ou, então, consideremos o caso de Olof e Edward Ohman, pai e filho, que em 1888 estavam a desenterrar troncos de árvore na sua quinta perto de Kensington, no Minnesota, quando descobriram uma grande laje de pedra coberta com inscrições rúnicas, que parecem descrever o regresso de um grupo de trinta viquingues àquele lugar, depois de uma expedição exploratória para encontrar os dez homens que tinham deixado para trás, «vermelhos de sangue e mortos». Atribuiu-se à inscrição a data de 1363. O único problema consiste em explicar porque iria um grupo de exploradores exaustos, confrontados com a possibilidade de um novo ataque por parte de nativos hostis, perder tempo a talhar inscrições complicadas numa rocha perdida na imensidão do continente norte-americano, a milhares de quilómetros de qualquer sítio onde alguém

que conhecessem a pudesse ler. Contudo, se se trata de uma fraude, foi feita com uma habilidade e uma verosimilhança fora do comum.

Tudo isto para dizer que a notícia da existência de uma terra para lá do mar Oceano, como o Atlântico era conhecido então, já chegava aos ouvidos europeus muito antes de Colombo ter feito a sua famosa viagem. Os viquingues não agiram à toa. Estabeleceram colónias por toda a Europa e os seus feitos eram conhecidos em todo o lado. Até deixaram um mapa — o famoso mapa de Vinland — que se sabe ter andado a circular pela Europa durante o século xiv. Não temos a certeza absoluta se Colombo tinha conhecimento deste mapa, mas sabemos que a rota que estabeleceu parecia estar a traçar o itinerário mais curto para a mítica ilha de Antilha, que nele figurava.

Colombo nunca encontrou a Antilha ou qualquer outra terra de que estivesse à procura. A sua viagem de 1492 parece ter sido a última coisa — para dizer a verdade, quase a única coisa — que lhe correu bem na vida. Passados oito anos, ver-se-ia sumariamente destituído do seu posto de almirante do mar Oceano, repatriado para Espanha acorrentado e abandonado a uma vida de tal modo obscura, que nem temos a certeza de onde se encontra enterrado. Conseguir despenhar-se de tão alto em menos de uma década exigia uma quantidade desmedida de incompetência e arrogância. Colombo tinha ambas.

Passou a maior parte desses oito anos a saltitar entre as ilhas das Caraíbas e a costa da América do Sul, sem nunca ter tido uma ideia real de onde estava ou o que andava a fazer. Sempre achou que *Cipangu*, ou o Japão, era ali por perto e nunca percebeu que Cuba era uma ilha. Até ao dia da sua morte, insistiu que era parte do continente asiático (embora haja alguns indícios de que ele próprio tinha as suas dúvidas, uma vez que obrigou os seus homens a jurar que era a Ásia, sob pena de lhes mandar cortar a língua). A sua imprecisão geográfica ficou mais firmemente gravada no nome que deu aos nativos: índios. Colombo custou uma fortuna à coroa espanhola e, em troca, pouco mais lhe deu do que promessas não cumpridas. E, ao longo de todo o processo, portou-se com um tão grande descaramento — exigindo que lhe fosse dado o título vitalício de almirante do mar Oceano, bem como o de vice-rei e governador das terras que conquistou, e que lhe fosse concedido um décimo de toda e qualquer riqueza gerada pelos seus empreendimentos —, que acabou por contribuir para a sua queda total.

Nisso, não estava sozinho. Muitos outros exploradores do Novo Mundo falharam rotundamente, de uma maneira ou outra. Juan Díaz de Solís e Giovanni da Verrazano foram comidos pelos nativos. Balboa, depois de descobrir o Pacífico, foi traído pelo seu colega Francisco Pizarro e executado, com base em acusações forjadas. Por seu turno, Pizarro foi assassinado pelos seus rivais. Hernando de Soto andou durante quatro anos a arrastar um exército à toa por toda a área que hoje corresponde ao sudoeste dos Estados Unidos, até que contraiu uma febre e morreu. Hordas de aventureiros, atraídos por histórias de cidades fabulosas — Quivira, Bimini, a Cidade dos Césares e o Eldorado —, partiram em busca de riqueza, juventude eterna ou um caminho mais curto para o Oriente e quase só encontraram desgraças. As suas buscas infrutíferas ficaram perpetuadas, às vezes inesperadamente, nos topónimos. A Califórnia celebra uma tal rainha Califia, incrivelmente rica, mas infelizmente inexistente. Amazónia designa uma tribo mítica de mulheres com um único seio. O Brasil e as Antilhas recordam ilhas fabulosas, mas igualmente fictícias.

Mais a norte, os ingleses não se saíram muito melhor. Sir Humphrey Gilbert morreu numa tempestade ao largo dos Açores em 1583, depois de ter tentado sem sucesso fundar uma colónia na Terra Nova. O seu meio-irmão, Sir Walter Raleigh, ao tentar criar um povoado na Virgínia, acabou por lá perder uma fortuna e, por fim, a cabeça. Henry Hudson levou a sua tripulação um pouco longe de mais em busca de uma passagem a noroeste e deu consigo, no mais puro estilo William Bligh*, abandonado no alto-mar num pequeno bote, para nunca mais ser visto. O adorável incompetente Martin Frobisher explorou a região ártica do Canadá, descobriu o que pensava ser ouro e trouxe consigo 1500 toneladas do mineral num barco perigosamente carregado, para afinal vir a saber que se tratava de pirite de ferro sem qualquer valor. Sem esmorecer, Frobisher voltou ao Canadá, encontrou outra mina de ouro, transportou 1300 toneladas de volta e foi informado pelo contratador real, presumimos que com um certo enfado, de que era outra vez a mesma coisa. A partir daí, nunca mais se ouviu falar de Martin Frobisher.

* Comandante do navio *Bounty*, cuja tripulação se amotinou. (N. da T.)

É interessante tentar adivinhar o que estes intrépidos aventureiros pensariam se soubessem a forma caprichosa como são celebrados hoje em dia. Será que Giovanni da Verrazano consideraria ser comido por canibais um preço razoável a pagar para ter o seu nome associado a uma ponte com portagem entre Brooklyn e Staten Island? Não me parece. De Soto encontrou fama passageira num nome de automóvel, Frobisher numa distante baía gelada, Raleigh numa cidade da Carolina do Norte, numa marca de cigarros e num tipo de bicicletas. No câmputo geral, Colombo — com uma universidade, duas capitais estaduais, um país na América do Sul, uma província no Canadá e inúmeras escolas secundárias, entre muitas outras coisas — não se saiu nada mal. Mas em termos de imortalidade linguística ninguém teve mais proveito com tão pouco esforço do que um obscuro comerciante de origem italiana chamado Amerigo Vespucci.

Florentino de origem e a viver em Sevilha, onde dirigia uma empresa de fornecimentos a navios (um dos clientes foi o seu compatriota Cristóvão Colombo), Vespucci parecia fadado para uma vida obscura. O facto de dois continentes virem a ser batizados em sua honra exigiu uma impensável dose de coincidências e enganos. De facto, Vespucci fez algumas viagens ao Novo Mundo (a opinião dos especialistas varia entre três e quatro), mas sempre como passageiro ou oficial subalterno. Não era de modo algum um marinheiro brilhante. Contudo, em 1504-1505, começaram a circular em Florença cartas de autoria desconhecida, colecionadas sob o título *Nuovo Mondo*, nas quais se declarava não só que Vespucci tinha comandado o navio durante essas viagens, como também que descobrira o Novo Mundo.

O erro talvez tivesse ficado por aí, mas um instrutor de uma pequena universidade no leste de França, chamado Martin Waldseemüller, que estava a trabalhar numa edição revista dos trabalhos de Ptolomeu, decidiu atualizá-la com um novo mapa do mundo. No decurso da sua investigação, deparou com as cartas de Florença e, impressionado com o falso relato das façanhas de Vespucci nelas contido, batizou o novo continente em sua honra. (Não foi assim tão linear: primeiro, traduziu *Amerigo* para o latim *Americus* e depois transformou-o na sua forma feminina, *America*, com base no facto de Europa e Ásia serem nomes femininos. Também considerou, embora depois o rejeitasse, o nome *Amerige*.) Mesmo assim, só quarenta anos mais tarde as pessoas

começaram a referir-se ao Novo Mundo como América e, nessa altura, significava apenas a América do Sul.

Mas Vespucci teve uma razão, embora ligeiramente marginal, para reclamar a fama. Pensa-se que seria irmão de Simonetta Vespucci, que serviu de modelo para a Vénus do famoso quadro de Botticelli¹².

Visto que nem Colombo nem Vespucci puseram alguma vez o pé na massa continental que veio a ser os Estados Unidos, o continente poderia ter sido mais adequadamente batizado em honra de Giovanni Caboto, um marinheiro italiano que ficou mais conhecido na história pelo nome anglicizado de John Cabot. Tendo partido de Bristol em 1495, Cabot «descobriu» a Terra Nova e possivelmente a Nova Escócia, além de várias pequenas ilhas, tornando-se graças a isso o primeiro europeu conhecido desde os viquingues a visitar a América do Norte, embora de facto tenha ido provavelmente apenas no encalço de frotas de pesca que já batiam os Grandes Bancos. O certo é que, em 1475, devido a uma guerra na Europa, os pescadores ingleses perderam o acesso às suas áreas de pesca tradicionais ao largo da Islândia. Contudo, o volume inglês de pescas de bacalhau não baixou, e em 1490 (dois anos antes da viagem de Colombo), quando a Islândia ofereceu aos pescadores ingleses a oportunidade de voltar, eles recusaram-na. Presume-se, portanto, que teriam descoberto águas ricas em bacalhau ao largo da Terra Nova e não queriam que mais ninguém soubesse da sua existência¹³.

Se foi Cabot a inspirar os pescadores ou vice-versa, pouco depois de 1500, o Atlântico fervilhava de navios ingleses. Alguns vinham para capturar navios espanhóis carregados de tesouros, impedidos de manobrar com facilidade devido ao peso do ouro e da prata que transportavam para o Velho Mundo. Não havia dúvida de que se tratava de uma atividade bem lucrativa*. Numa única viagem, Sir Francis Drake voltou para Inglaterra com um saque no valor de sessenta milhões de

* A Espanha era objeto não só de atos de pirataria por parte de marinheiros de nações rivais, mas também pelas suas próprias tripulações amotinadas. Chamava-se a estes últimos *bucaneiros* porque, depois de fugirem aos seus amos espanhóis, sustentavam-se apenas de carne de javali, que conservavam fumando-a num bastidor de madeira chamado *boucan*, até poderem capturar um navio de tripulação pacífica e apoderaram-se dele. (N. do A.)

dólares atuais¹⁴. Na mesma viagem, Drake desembarcou apressadamente na atual Virgínia, declarou-a pertença da coroa e chamou-lhe *Nova Albion*¹⁵.

A fim de oficializar tal declaração e criar uma base de abastecimento para os corsários, a rainha Isabel I decidiu que seria boa ideia estabelecer aí uma colónia e incumbiu Sir Walter Raleigh dessa tarefa. O resultado foi a malograda «colónia perdida» de Roanoke, cujos 114 membros desembarcaram logo a sul do estreito de Albemarle, no território que é hoje a Carolina do Norte, em 1587. Dessa colónia original, nasceram sete nomes que ainda figuram na topografia local: *Roanoke* (que tem a honra de ser a primeira palavra índia utilizada pelos colonos ingleses), os cabos *Fear* e *Hatteras*, os rios *Chowan* e *Neuse*, *Chesapeake* e *Virgínia*¹⁶. (A Virgínia fora anteriormente chamada *Windgancon*, que significa «que roupas berrantes vocês usam» — ao que parece, aquilo que os nativos tinham respondido quando um dos primeiros grupos de batedores lhes perguntara como se chamava aquele lugar.) Mas, infelizmente, isso foi tudo o que a colónia conseguiu. Devido à guerra com a Espanha, nenhum barco inglês conseguiu voltar nos três anos seguintes. Quando, por fim, chegou um barco de auxílio, encontrou a colónia deserta. Embora se tenha finalmente descoberto que a tribo vizinha dos Croatoan incorporara várias palavras de inglês isabelino na própria língua, nunca se acharam provas concludentes sobre o destino da colónia.

Acima de tudo, o que atraía os ingleses para o Novo Mundo era a pesca, especialmente nas águas incrivelmente ricas ao largo da costa nordeste da América do Norte. Durante pelo menos 120 anos antes de o *Mayflower* se fazer ao mar, as frotas de pesca europeias tinham-se transformado numa presença cada vez mais frequente ao longo da costa leste. As frotas desembarcavam para secar peixe, repor o fornecimento de água e provisões ou, de vez em quando, esperar que passasse algum inverno mais rigoroso. Chegavam a juntar-se mil pescadores de uma só vez nas praias. Foi com este tipo de grupos que Samoset aprendeu as poucas palavras de inglês que sabia.

Assim, em 1620, rara era a baía da Nova Inglaterra ou do leste do Canadá que não exibía qualquer marca da sua passagem. Os próprios Peregrinos, logo nos primeiros dias, depararam com uma trempe de ferro fundido, obviamente de origem europeia, e quando pilharam

alguns túmulos índios descobriram o corpo de um homem louro — «possivelmente, um francês que morrera prisioneiro»¹⁷.

A Nova Inglaterra pode ter sido um novo mundo para os Peregrinos, mas não era certamente *terra incognita*. Grande parte das terras à sua volta já tinha sido cartografada. Dezoito anos mais cedo, Bartholomew Gosnold e um grupo descrito como «24 gentis-homens e oito marinheiros» tinham acampado na ilha vizinha de Cuttyhunk, deixando atrás de si muitos nomes, dois dos quais ainda perduram: cabo *Cod* e o romanticamente misterioso *Martha's Vineyard* (misterioso, porque não sabemos quem era Martha).

Sete anos antes, John Smith, passando por ali numa expedição de caça à baleia, fizera um novo mapa da região, tendo o cuidado de anotar os nomes que os próprios índios usavam. Só acrescentou um nome de sua própria criação: *Nova Inglaterra*. (Anteriormente, a região chamara-se *Norumbega* na maioria dos mapas. Ninguém sabe exatamente porquê.) Porém, num rasgo consumado da arte de *lamber botas*, ao regressar a Inglaterra, Smith apresentou o seu mapa a Carlos Stuart, o herdeiro do trono de dezasseis anos, juntamente com uma nota em que «humildemente rogava» a Sua Alteza que «mudasse aqueles bárbaros nomes para inglês, a fim de que a posteridade pudesse dizer que o príncipe Carlos era o seu padrinho». O jovem príncipe atirou-se à tarefa com deleite. Riscou a maior parte dos nomes índios que Smith tão cuidadosamente transcrevera e substituiu-os por uma caprichosa miscelânea em sua honra e da sua família, ou simplesmente pelo que lhe deu na realíssima gana. Entre os seus arroubos de criatividade, encontravam-se os cabos *Elizabeth* e *Anne*, o rio *Charles* e *Plymouth*. Assim, quando os Peregrinos desembarcaram em Plymouth, uma das poucas coisas com que não tiveram de se preocupar foi inventar nomes para muitos dos acidentes geográficos à sua volta.

Por vezes, os primeiros exploradores levavam consigo índios para a Europa. Tal foi o destino do heroico Squanto, cuja história parece uma autêntica novela picaresca e implausível. Tendo sido apanhado por um marinheiro chamado George Weymouth em 1605, foi levado — não se sabe se voluntariamente ou não — para Inglaterra. Aí, passou nove anos a trabalhar em diversos misteres antes de regressar ao Novo Mundo como intérprete de John Smith na sua viagem de 1613. Como recompensa pelos seus serviços, Smith concedeu-lhe a liberdade. Contudo, assim que Squanto se reuniu à sua tribo, foi raptado com

mais dezanove índios por outro inglês que os levou para Málaga, em Espanha, e os vendeu como escravos. Squanto trabalhou como criado doméstico em Espanha até que, não se sabe como, conseguiu fugir para Inglaterra, onde trabalhou durante pouco tempo para um mercador na cidade de Londres. Por fim, em 1619, juntou-se a outra expedição exploratória ao longo da costa da Nova Inglaterra¹⁸. Ao todo, estivera ausente quase quinze anos, e voltou apenas para descobrir que, pouco tempo antes, a sua tribo fora ceifada por uma peste — quase de certeza a varíola, trazida pelos marinheiros europeus.

Não há dúvida de que Squanto guardava boas razões para se sentir descontente. Não só os europeus tinham inadvertidamente exterminado a sua tribo, como o tinham raptado duas vezes, numa delas vendendo-o como escravo. A sorte dos Peregrinos é que Squanto era de natureza disposta a perdoar. Ficou a viver com eles e, durante um ano, até morrer de uma febre súbita, serviu-lhes de professor, intérprete, embaixador e amigo. Graças a ele, o futuro do inglês no Novo Mundo estava garantido.

O tipo de inglês que era, e que viria a ser, é a essência do que a seguir tratamos.